

**Bakhtin e Benveniste: convergências e divergências na elaboração
de uma reflexão enunciativa**

**Bakhtin and Benveniste: convergencies and divergencies in the
elaboration of an enunciative reflection**

Fábio Aresi¹

RESUMO: Procuo, neste estudo, estabelecer uma relação de ordem teórica entre dois estudiosos do campo da linguagem, Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin, de maneira a evidenciar em que medida eles, cada um a seu modo e em desconhecimento do outro, elaboram sua reflexão acerca da significação linguística. Trata-se, portanto, de mapear convergências e divergências entre os autores na elaboração de suas respectivas perspectivas enunciativas da linguagem, seguindo, para tanto, um percurso de retomada e comparação de conceitos e noções de ambas as teorias. Tomo como hipótese a ideia de que o que nos permite falar de “convergências” é o vínculo comum que ambos os autores mantêm em suas formulações teóricas com Ferdinand de Saussure, ao passo que o que nos permite falar de “divergências” é o lugar epistemológico de cada um: Benveniste, o linguista/Bakhtin, o filósofo.

Palavras-chave: Benveniste; Bakhtin; enunciação.

ABSTRACT: My goal in this study is to establish a theoretical relation between two linguistic scholars, Émile Benveniste and Mikhail Bakhtin, in order to verify in which extend they both, each in his own way and in ignorance of the other, elaborate their thoughts about linguistic signification. Hence, the objective is to map convergences and divergences between the authors in the elaboration of their respective enunciative perspectives of language, following, as *modus operandi*, a process of review and comparison of concepts and notions from both theories. My hypothesis is the idea that what allows us to speak of “convergences” is the common link that both authors maintain with Ferdinand de Saussure in their theoretical formulations, whereas what allows us to speak of “divergences” is their epistemological position: Benveniste, the linguist/Bakhtin, the philosopher.

Keywords: Benveniste; Bakhtin; enunciation.

¹ Mestrando em Letras pela UFRGS, na área de Estudos da Linguagem - Teorias do Texto e do Discurso

Introdução

Este breve ensaio parte de meu fascínio pelas curiosas ocasiões em que dois pensadores, separados e em desconhecimento um do outro, refletem sobre um mesmo tema específico e chegam a conclusões incrivelmente semelhantes. No caso dos estudos sobre língua e linguagem, podem se evidenciar tais acontecimentos no que diz respeito ao nascimento das teorias do signo, com Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce, assim como com Saussure e Edward Sapir, no que diz respeito às reflexões acerca da faculdade da linguagem. No entanto, trago para este trabalho um outro caso, tão interessante quanto os anteriores: trato de Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin, os quais pensaram, com um intervalo de tempo de aproximadamente trinta anos entre si e de forma independente um do outro, sobre a significação linguística e desenvolveram, a partir disto, teorias enunciativas relativamente próximas. Assim, minha proposta é traçar sumariamente as principais ideias dos dois autores no âmbito da enunciação, delineando os pontos em que ambos convergem e divergem entre si. Trago ainda, para dar conta de explicar esses pensamentos coincidentes, a hipótese de que o ponto de partida da reflexão de ambos os estudiosos foi, principalmente, a referência ao pensamento de Ferdinand de Saussure. Desse modo, se ambos chegaram à conclusão de que a língua possui uma dupla propriedade de significação, isso se deve necessariamente à leitura crítica do Curso de Linguística Geral, de 1916, e à tentativa de ultrapassagem da noção de significação ali presente².

Evidentemente, colocar Bakhtin e Benveniste em paralelo não constitui propriamente uma novidade, uma vez que ambos figuram, tanto em *Introdução à linguística da enunciação* (Flores; Teixeira, 2005) quanto no *Dicionário de linguística da enunciação* (Flores et al., 2009), como autores pertencentes ao campo da linguística da enunciação. Entretanto, a relação de aproximação entre esses dois estudiosos merece algumas considerações mais detalhadas no que diz respeito às convergências e divergências nas formulações teóricas de cada um acerca da significação linguística. Em primeiro lugar, ambos os autores estão reunidos sob o rótulo de “autores da enunciação” sob uma dupla ressalva: 1. A enunciação não é o único tema de interesse dos autores, tendo ambos se dedicado a diferentes estudos. No caso de Benveniste, “sua atividade foi exercida em três domínios principais: os

² A questão acerca da leitura da obra saussuriana e sua “ultrapassagem” é particularmente problemática e aberta a críticas. Elucidarei este ponto mais adiante.

estudos iranianos, a gramática comparada e a linguística geral” (Dessons, 2006, p. 26, tradução minha). No caso de Bakhtin, um filósofo, seus estudos abrangem a literatura, a sociedade, a linguística, entre tantos outros temas; 2. Em ambos os pensadores, a reflexão acerca da enunciação se dá de forma ensaística, isto é, não há propriamente a proposição de um campo e sua delimitação teórica e metodológica. O que se tem deles são textos que abordam o tema e que permitem a construção *a posteriori* deste campo. Em segundo lugar, se Benveniste e Bakhtin podem ser agrupados como “autores da enunciação”, isso se deve a alguns pontos epistemológicos em comum, a saber: 1. Ambos discutem o pensamento de Saussure, problematizando, em especial, a dicotomia “língua/fala”; 2. Ambos se propõem a analisar a linguagem do ponto de vista do sentido; 3. Ambos se preocupam com a definição de uma noção de “enunciação”; 4. Ambos incluem a “subjetividade” no âmbito de seus estudos da linguagem (cf. Flores; Teixeira, 2005; Flores et al., 2009).

Dessa forma, tendo elucidado a peculiaridade da aproximação dos dois autores, tratarei agora de colocar brevemente em paralelo a formulação de ambos acerca da dupla significação da língua, trazendo seus pontos em comum e seus distanciamentos, para, por fim, remetê-los ao pensamento saussuriano como ponto de ancoragem (seguimento? ruptura?) de seu fundamento.

1. Émile Benveniste e a dicotomia “semiótico/semântico”

Começo falando de Émile Benveniste³. Este linguista, conhecido como o responsável pela inclusão do “homem na língua”, procurou, desde seus primeiros estudos em linguística geral, descrever em que medida é possível se falar em subjetividade na linguagem. Seus textos das décadas de 40 e 50⁴ atestam essa busca pelos índices formais da língua que permitem ao locutor se marcar no seu

³ É importante esclarecer, neste ponto, uma questão que, se não tratada desde já, pode gerar certa confusão: Os textos de Émile Benveniste convocados neste estudo foram originalmente publicados em diferentes épocas (da década de 1940 à década de 1970) e em diferentes periódicos científicos. No entanto, tais textos foram, mais tarde, agrupados na forma de uma obra de dois volumes, intitulada *Problemas de Linguística Geral*. Tendo em vista essa particularidade, opto por colocar, no corpo do trabalho, as referências ligadas à edição original francesa e à edição brasileira dos *Problemas de Linguística Geral I e II* (1966/2005 e 1974/2006, respectivamente), sendo a edição brasileira a que serviu como base de consulta para o presente estudo. No entanto, informo, em notas de rodapé, referências relativas à publicação original de cada texto citado.

⁴ Figuram como exemplos textos como *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956) e *Da subjetividade na linguagem* (1958).

dizer e, assim, constituir-se como sujeito. Vê-se, desde já, que a concepção de linguagem de Benveniste está indissociavelmente ligada à condição do homem, sendo ambos – linguagem e homem – mutuamente constitutivos um do outro. Diz o autor em *Da subjetividade na linguagem*⁵, texto de 1958:

Falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (Benveniste, 1966/2005, p. 285).

Dessa bela passagem ainda podemos perceber que, para Benveniste, a subjetividade na linguagem está na dependência da noção de *intersubjetividade*. Ora, é numa relação do “eu” com o “tu” que o fenômeno da linguagem se dá: “É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (op. cit., p. 287).

Porém, é no texto *Os níveis da análise linguística*⁶, de 1964, quando aborda a noção de “nível de análise” em linguística, que Benveniste problematiza a propriedade de significação da língua, ou como afirma Normand (2009): “É somente a partir de 1964 que a propriedade de significação é apresentada nos seus textos como um problema fundamental da linguística, exigindo novos conceitos e que se modifique o método de descrição” (p. 154). Assim, ao analisar os níveis de análise linguística a partir da relação entre as noções de “forma” e “sentido”, Benveniste colocará a significação na língua sob uma dupla perspectiva, a qual será nomeada no texto de 1966, *A forma e o sentido na linguagem*⁷, de dicotomia “semiótico/semântico”. Para ele, “há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (1974/2006, p. 229). A primeira é a língua enquanto “semiótica”, pertencente ao domínio do signo linguístico e circunscrita apenas às relações internas da língua, cuja função primeira é a de “significar”; a segunda maneira diz

⁵ Texto publicado originalmente em *Journal de psychologie*, jul.-set. 1958. P.U.F., e integrante do livro *Problemas de Linguística Geral I* (Benveniste, 1966/2005) em seu capítulo 21

⁶ Texto publicado originalmente em *Proceedings of the 9th International Congress of linguistics*, Cambridge, Mass., 1962, Mouton & Co., 1964. Tal texto integra o livro *Problemas de Linguística Geral I* (Benveniste, 1966/2005) em seu capítulo 10.

⁷ Texto publicado originalmente em *Le Langage II* (Sociétés de Philosophie de langue française, Actes du XIIIe Congrès, Genève, 1966), Neuchâtel, La Baconnière, 1967, p. 29-40. Em *Problemas de Linguística Geral II* (Benveniste, 1974/2006), tal texto constitui o capítulo 15.

respeito à língua enquanto “semântica”, pertencente ao domínio da língua em ação, cuja função é a de “comunicar”. Nas palavras de Benveniste:

A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é senão particular. [...] e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor (Benveniste, 1974/2006, p. 229-230).

Trata-se, portanto, de uma dupla propriedade de significação, a qual confere à língua a especificidade de ser o único sistema semiológico capaz de interpretar a si mesmo e a todos os outros sistemas. A língua seria, assim, o “interpretante” da sociedade, tal como Benveniste afirma em *Semiologia da língua*⁸, de 1969.

Do que foi dito até aqui, é possível ver uma mudança em relação à amplitude da questão da subjetividade na linguagem: se antes (nos textos em que Benveniste trabalha sobre aspectos indiciais da enunciação, tais como os pronomes, os verbos etc.) a relação do homem com a língua se dava especificamente através de certas categorias da linguagem (pessoa, tempo, espaço), nos textos que abordam a questão da significação a reflexão acerca da subjetividade ganha um novo patamar, uma vez que a relação que o homem exerce com a língua se estenderia a toda língua, uma vez considerado o modo semântico da significação.

A distinção realizada por Benveniste entre “semiótico” e “semântico” coloca ainda em evidência outra dualidade da língua no que diz respeito ao sentido. Refiro-me à propriedade da língua de ser, ao mesmo tempo, da ordem do repetível e do irrepetível. Ora, a língua, tomada em sua acepção semiótica, tem como característica o fato de o sentido de suas unidades – os signos – ser da ordem do reiterável, uma vez que este sentido, ainda sob o ponto de vista semiótico, caracteriza-se como a propriedade do signo de ser identificável e delimitável no interior do sistema da língua, em relação às suas demais unidades. Assim, nas palavras de Benveniste: “Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa” (Benveniste, 1974/2006, p. 228)⁹. Sendo assim, “o signo tem sempre e somente valor genérico e conceptual” (op. cit., idem), sendo, portanto, passível de ser repetido.

⁸ Texto publicado originalmente em *Semiotica*, La Haye, Mouton & Co., 1969, e integrante do livro *Problemas de Linguística Geral II* em seu capítulo 3.

⁹ Trecho de *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966.

Por outro lado, o sentido, tomado em sua acepção semântica, caracteriza-se por ser da ordem do irrepitível, uma vez que sempre “implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor” (op. cit., p. 230). Ora, se o sentido da frase, expressão semântica por excelência, é “a *ideia* que ela exprime” (op. cit., idem, grifo do autor), ela – a frase – será então a cada vez um acontecimento único e não-reiterável, ou como afirma Benveniste: “Ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece” (op. cit., p. 231).

Assim, é da articulação entre semiótico e semântico que nasce a possibilidade de conversão da língua em discurso, ou seja, da “língua-discurso”, referenciada sempre e necessariamente a um “eu-tu-aqui-agora”, isto é, ao seu contexto de produção. Nas palavras do linguista:

Esses dois sistemas se superpõem na língua tal como a utilizamos. Na base, há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação [...]. Sobre este fundamento semiótico, a *língua-discurso* constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmação das palavras” (op. cit., p. 234, grifo meu).

É nessa dupla capacidade de significância da língua, brilhantemente descrita por Benveniste, que vejo uma aproximação muito peculiar com as formulações de Mikhail Bakhtin acerca da significação linguística, as quais passarei a tratar a partir de agora, em comparação com o pensamento benvenistiano.

2. Bakhtin e Benveniste – a significação em perspectiva

Mikhail Bakhtin, como já afirmei no início deste ensaio, foi um filósofo que, embora tenha realizado profundas reflexões sobre questões linguísticas, não se restringiu a elas, tendo, também, abordado com muito interesse uma ampla variedade de temas, desde a literatura até aspectos de ordem social. Assim, talvez esta seja desde já uma particularidade que distinga os dois pensadores, uma vez que sejam colocados lado a lado: Bakhtin, um filósofo, vai além da linguagem, e mesmo quando este é seu objeto de interesse, nunca a toma de forma dissociada de aspectos que estão fora dela. Benveniste, este, sim, um linguista, embora tenha, em seus muitos estudos, dialogado com diversas áreas do conhecimento¹⁰, colocou-se

¹⁰ Com efeito, muitos dos textos de Benveniste são dirigidos a não-linguistas, sendo publicados inicialmente em periódicos de outras áreas. Figuram como exemplos, como já deixei transparecer em

sempre do lugar da linguística e, como tal, abordou especificamente a linguagem enquanto objeto delimitado.

Como meu interesse no presente estudo se resume a colocar em paralelo Bakhtin e Benveniste com ênfase em específico no âmbito da reflexão acerca da significação na língua, deter-me-ei no estudo bakhtiniano presente em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Bakhtin, 1981)¹¹, obra publicada pela primeira vez em 1929, mais precisamente, em seu capítulo 7, intitulado *Tema e significação na língua*. Neste texto, vemos Bakhtin colocar questões interessantes sobre o sentido na língua, as quais, algumas décadas depois, seriam também problematizadas por Benveniste sob a distinção “semiótico/semântico” sem conhecimento prévio das formulações do filósofo russo. Bakhtin, da mesma forma que Benveniste, toma a significação na língua sob uma dupla perspectiva, sendo a distinção nomeada por ele de “tema” e “significação”¹².

Por “tema”, o autor define o sentido global e irrepitível de cada enunciação.

Diz ele:

Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu *tema*. O tema deve ser único. [...] O tema da enunciação é, na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação (Bakhtin, 1981, p. 128, grifos do autor).

A “significação”, por outro lado, corresponde ao elemento repetível de cada instância de uso da língua. Ainda nas palavras de Bakhtin:

“Além do tema, ou, mais exatamente, no interior dele, a enunciação é igualmente dotada de uma *significação*. Por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são *reiteráveis* e *idênticos* cada vez que são repetidos. Naturalmente, esses elementos são abstratos: fundados sobre uma convenção, eles não têm existência concreta independente, o que não os impede de formar uma parte inalienável, indispensável, da enunciação” (op. cit., p. 129, grifos do autor).

notas anteriores, os textos *Da subjetividade na linguagem*, publicado em uma revista de psicologia (*Journal de psychologie*, jul.-set., 1958), e *A forma e o sentido na linguagem*, apresentado durante um encontro de filósofos em 1966 (*Sociétés de Philosophie de langue française, Actes du XIII Congrès*, 1966).

¹¹ Embora a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem* seja reconhecidamente atribuída a Mikhail Bakhtin, sua publicação foi feita sob o nome do amigo e discípulo do filósofo, V. N. Volochinov. Não discutirei aqui acerca da problemática questão da autoria em Bakhtin. Sobre este assunto, ver Vasilev (2006) e Morson; Emerson (2008).

¹² É importante, neste ponto, ressaltar a existência do termo “significação” na obra de Bakhtin remetendo a dois conceitos distintos: “significação” como propriedade geral da língua de significar e “significação” como uma das duas maneiras da língua de significar, juntamente com o “tema”. Tal distinção também vale para minha exposição do pensamento bakhtiniano.

É possível notar, desde já, a semelhança entre as formulações elaboradas pelos autores no tocante à significação. Ora, tanto Benveniste quanto Bakhtin concebem a língua como portadora de uma dupla significação, sendo uma da ordem do repetível e “intralinguístico” (“significação” e “aspecto semiótico”) e outra de ordem do irrepitível, efêmero, e relacionado sempre à instância singular de uso da língua (“tema” e “aspecto semântico”).

A similaridade das conclusões dos autores fica ainda mais evidente quando se elucida o caráter histórico da enunciação presente em ambos os autores. Eis o que afirma Bakhtin sobre esse interrogante: “A enunciação: ‘Que horas são?’ tem um sentido diferente cada vez que é usada e também, conseqüentemente, na nossa terminologia, um outro tema, que depende da situação [...] em que é pronunciada” (op. cit., p. 128). Benveniste, por sua vez, diz em *Estruturalismo e linguística*¹³, de 1968:

“Todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova. Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção” (Benveniste, 1974/2006, p. 18).

A enunciação é, assim, constitutiva e constituída por uma historicidade ligada à sua instância de produção e sem a qual seu sentido é incompreensível. Nas palavras dos autores:

Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. [...] Somente a enunciação tomada em toda sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema (Bakhtin, 1981, p. 128-129);

Ainda que se compreenda o sentido individual das palavras, pode-se muito bem, fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção das palavras; esta é uma experiência corrente, que mostra ser a noção de referência essencial. [...] a referência da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar. Na maior parte dos casos, a situação é condição única, cujo conhecimento nada pode suprir. A frase é, então, cada vez um acontecimento diferente (Benveniste, 1974/2006, p. 231)¹⁴.

No que diz respeito ao caráter reiterável do sentido na língua, encontro, nos dois pensadores, a mesma propriedade “potencial” da significação. Para Bakhtin, “a significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (Bakhtin, 1981, p. 131,

¹³ Entrevista de Pierre Daix com Benveniste, publicada originalmente em *Les Lettres françaises*, nº 1242 (24-30 de julho de 1968).

¹⁴ Trecho do texto benvenistiano *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966.

grifo do autor). De semelhante maneira, lê-se no texto benvenistiano *O aparelho formal da enunciação*¹⁵, de 1970: “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso” (Benveniste, 1974/2006, p. 83-84, grifo meu).

Ainda sobre o aspecto “intralinguístico” da significação, cabe ressaltar que essa propriedade é, tanto em Benveniste quanto em Bakhtin, pautada desde já pelo “uso” da língua, ou seja, mesmo que o sentido das entidades abstratas da língua (seja “significação”, seja “semiótico”) constitua algo intrínseco a essas unidades como propriedade distintiva em relação aos demais elementos do sistema linguístico, ele só o é porque está na dependência de seu reconhecimento no “uso efetivo” da língua. Essa constatação é possível de ser mostrada na obra dos dois pensadores, nas seguintes passagens de seus trabalhos:

No plano do significado, o critério é: isto significa ou não? Significar é ter um sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua [...]. Nós erigimos, desta forma, a noção de uso e de compreensão da língua como um princípio de discriminação, um critério. É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe (Benveniste, 1974/2006, p. 227, grifos do autor)¹⁶;

[...] a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar, enfim, sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias (Bakhtin, 1981, p. 136).

Tal, portanto, é o caráter da relação entre os pares “significação/tema” e “semiótico/semântico”: ambas as partes se constituem mutuamente, sendo impossível pensar uma sem levar em conta a outra, ou como afirma Bakhtin:

[...] é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa. Além disso, é impossível designar a significação de uma palavra isolada sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem construir uma enunciação [...]. Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação (op. cit, p. 129).

É graças a essa inter-relação que se dá o funcionamento da língua, essa incrível entidade de elementos ao mesmo tempo semelhantes e distintos, genéricos e singulares, repetíveis e irrecuperáveis.

A partir deste quadro da significação, sumariamente exposto neste trabalho, pode-se perceber que a análise da significação linguística é, tanto em Benveniste quanto em Bakhtin, concebida de forma bipartida, obedecendo ao caráter duplo da

¹⁵ Texto publicado originalmente na revista *Langages*, Paris, Didier-Larousse, 5º ano, nº 17 (março de 1970).

¹⁶ Trecho do texto benvenistiano *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966.

significância na língua. A esse respeito, Benveniste diz em *Semiologia da Língua*¹⁷, texto de 1969:

É preciso desde já admitir que a língua comporta dois domínios distintos, cada um dos quais exige seu próprio aparelho conceptual. Para o que denominamos semiótico, a teoria saussuriana do signo linguístico servirá de base à pesquisa. O domínio semântico, ao contrário, deve ser reconhecido como separado. Ele precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições (Benveniste, 1974/2006, p. 66-67).

Percebo também em Bakhtin a mesma orientação metodológica advinda de sua dupla concepção da significação. Segundo ele:

A investigação da significação de um ou outro elemento linguístico pode, segundo a definição que demos, orientar-se para duas direções: para o estágio superior, o tema; nesse caso, tratar-se-ia da investigação da significação contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação concreta. Ou então ela pode tender para o estágio inferior, o da significação: nesse caso, será a investigação da significação da palavra no sistema da língua (Bakhtin, 1981, p. 131).

Finalmente, e tendo em vista tudo o que precede, cabe perguntar: A que se deve essa enorme semelhança entre os autores no que diz respeito à significação no plano da língua? Ainda que de forma hipotética (quando não o é?), acredito que essa questão remete de imediato àquele ao qual tanto Benveniste quanto Bakhtin se reportam na formulação de seu pensamento, seja na forma de uma filiação conturbada, seja na forma de uma severa crítica: Falo de Ferdinand de Saussure.

Conclusão – o diálogo com Saussure e o posicionamento epistemológico como ponto de convergência e divergência entre Benveniste e Bakhtin

Terminarei este ensaio justamente em resposta à pergunta acima, tentando dar justificativa a ela ainda a partir dos trabalhos de Benveniste e Bakhtin. Assim, à moda de algumas considerações finais, tecerei brevemente minha hipótese sobre a semelhança no pensamento de ambos os autores.

Dessa maneira, acredito que tal similaridade se dê pelo fato de que ambos os estudiosos tomaram como ponto de partida de sua reflexão o pensamento saussuriano sobre a significação a partir de sua obra póstuma de 1916, o *Curso de*

¹⁷ Texto publicado originalmente em *Semiotica*, La Haye, Mouton & Co., 1969, e integrante do livro *Problemas de Linguística Geral II* em seu capítulo 3.

*Linguística Geral*¹⁸, ainda que a leitura feita pelos dois tenha se dado de forma diferente uma da outra.

Benveniste, em sua investigação sobre as noções de *forma* e de *sentido* na linguagem, remete essa discussão “de um só golpe” para “o problema mais importante, o problema da significação” (Benveniste, 1974/2006, p. 222)¹⁹, problema que o faz reportar de imediato a Saussure e sua formulação acerca da língua como um sistema de signos:

Quando Saussure introduziu a ideia de signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante (op.cit., p. 224).

Assim, a remissão a Saussure é, em Benveniste, feita mais à maneira de uma filiação ao seu pensamento, mas sempre no sentido de ultrapassá-lo em seu empreendimento. Uma ressalva: A noção de “ultrapassagem” merece esclarecimento, uma vez que remete a diferentes sentidos. Tomo, portanto, a noção de “ultrapassar Saussure”, não no sentido de “deixá-lo para trás”, mas no sentido de “ir além de Saussure, embora o levando em conjunto”, ou ainda, de “dar continuidade ao trabalho de Saussure, levando em conta o que ele produziu, mas indo além dele”. É isso que fica evidente na passagem já citada de *Semiologia da Língua* (1969)²⁰, em que o linguista afirma:

[...] a língua comporta dois domínios distintos, cada um dos quais exige seu próprio aparelho conceptual. Para o que denominamos semiótico, a teoria saussuriana do signo linguístico servirá de base à pesquisa. O domínio semântico, ao contrário, deve ser reconhecido como separado (Benveniste, 1974/2006, p. 66-67).

Além disso, a conclusão deste mesmo texto de Benveniste é clara: “[...] é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua” (op. cit., p. 67). Assim, na construção de seu projeto de uma “semiologia geral” (cf. Normand, 2009), Benveniste leva adiante a tarefa deixada por Saussure e se vê colocado

¹⁸ Vale lembrar que Saussure não escreveu o *Curso de Linguística Geral*. Esta obra foi o resultado de um trabalho de síntese dos três cursos de linguística ministrados por ele na Universidade de Genebra entre os anos 1907 e 1911, a partir dos cadernos dos alunos presentes nos cursos e de algumas poucas anotações da mão do próprio Saussure. Cabe ainda ressaltar que Charles Bally e Albert Sechehaye, editores do *Curso* e colegas de Saussure, não participaram das aulas do mestre genebrino. Tais fatos, entre outros, dão ao *Curso de Linguística Geral* um estatuto muito singular.

¹⁹ Trecho de *A forma e o sentido na linguagem* (1966).

²⁰ Texto publicado originalmente em *Semiótica*, La Haye, Mouton & Co., 1969, e integrante do livro *Problemas de Linguística Geral II* em seu capítulo 3.

diante do problema da significação, o que o mobilizará a ultrapassar Saussure na concepção de uma dupla significância na língua, na especificidade do termo “ultrapassar” já salientado²¹.

Com relação a Mikhail Bakhtin, sabe-se também de sua leitura da obra saussuriana e de sua colocação em relação a ela justamente a partir de suas próprias obras. Ora, boa parte das discussões presentes em *Marxismo e filosofia da linguagem* é construída na forma de críticas diretas às formulações de Saussure acerca da língua e da fala, do signo linguístico e da significação. Ainda que de forma menos explícita que em outros capítulos da obra, a crítica ao pensamento saussuriano pode ser evidenciada de igual maneira no capítulo abordado neste estudo, *Tema e significação na língua*, uma vez que, conforme aponte, a significação não se limitaria à propriedade inerente aos elementos da língua que asseguraria sua estabilidade e sua identidade reiterável, mas se estenderia também ao que faz da língua, a cada enunciação, um novo acontecimento, ou seja, ao seu sentido instanciado em uma situação histórica, único e não reiterável, em suma, ao seu “tema”.

Porém, vejo na construção teórica de Bakhtin acerca da significação a mesma espécie de “ultrapassagem” em relação a Saussure que descrevi acima a respeito de Benveniste. Assim, creio que foi levando em conta a teoria saussuriana do signo que Bakhtin pôde conceber sua classificação da significação na língua como “significação” e “tema”. Embora o tom de sua remissão a Saussure seja menos ao modo de uma filiação, como pode parecer em Benveniste, não deixo de ver aí uma continuidade de pensamento acerca de uma mesma problemática: o terreno sempre confuso e inconcluso da significação linguística.

Além disso, cabe lembrar que as leituras feitas por Bakhtin e Benveniste da obra saussuriana refletem, de certa forma, o lugar de cada um em relação à

²¹ Essa noção de “ultrapassagem” é alvo de reflexão e críticas por parte de alguns linguistas. Normand (2009), por exemplo, aponta: “Ele [Benveniste] nos diz que é somente questão de ‘ir além’ no estudo da significação; de fato, pode-se pensar que ele vai para outro lugar” (p. 202). Segundo esse ponto de vista, Benveniste partiria de uma tentativa de dar continuidade ao trabalho de Saussure, mas acabaria por instaurar um novo objeto e, conseqüentemente, um novo campo: o da enunciação. Bouquet (2000), por outro lado, vê na distinção estabelecida por Benveniste não uma inovação, mas uma leitura atenta de Saussure. Diz ele, em nota: “Émile Benveniste, sem ter lido os textos originais saussurianos, é um intérprete fiel do pensamento do linguista genebrino [...]. De fato, [...], a distinção que ele propõe entre ‘semiótica’ e ‘semântica’, longe de ser um progresso em relação a Saussure, é, sobretudo, a expressão de sua teoria” (p. 268).

linguagem (Bakhtin, o filósofo; Benveniste, o linguista), ainda que ambos tenham feito suas leituras de Saussure no âmbito do estruturalismo.

Assim, e dando encerramento a este trabalho, se por um lado a semelhança acerca das reflexões sobre a significação na língua presentes em Bakhtin e Benveniste se deve à sua remissão em comum ao pensamento de Ferdinand de Saussure, por outro lado, o que parece diferenciar tais reflexões é, em suma, o lugar a partir do qual cada um interpretou este pensamento, o que permitiu a cada um a construção de um objeto próprio, com suas particularidades relativas justamente ao lugar do linguista e ao lugar do filósofo. Portanto, é de fundamental importância levar em conta este aspecto epistemológico, seja no estabelecimento de relações entre os três estudiosos da linguagem, seja na abordagem isolada da teoria esboçada por cada um deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

DESSONS, G. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. Contexto: São Paulo, 2005.

FLORES, V.; BARBISAN, L.; FINATTO, M. J.; TEIXEIRA, M. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. Contexto: São Paulo, 2009.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. Os textos contestados. In: _____. *Mikhail Bakhtin: uma prosaística*. São Paulo: Editora da USP, 2008.

NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

VASILEV, N. L. A história da questão sobre a autoria dos “textos disputados” em estudos russos sobre Bakhtin (M. M. Bakhtin e seus coautores). In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Recebido em 22 de novembro de 2011.

Aceito em 3 de dezembro de 2011.